

Pierre Laszlo

– Uma Biografia

>
Raquel Gonçalves-Maia

Pierre Laszlo e eu somos amigos. Conhecemo-nos através do Boletim da Sociedade Portuguesa de Química, o antecessor do “Química”. Era eu então diretora do dito Boletim. Alertada pelo diretor precedente, Joaquim Moura Ramos, a minha atenção pousou sobre um conjunto de crónicas versando Balzac, Lavoisier e a procura do absoluto, Goethe, as afinidades eletivas e a afinidade química... que um reputado químico francês escrevera. Eram extremamente interessantes, informativas, argumentadas, didáticas. Com o apoio de vários colegas, fomos traduzindo e publicando, uma após outra, as crónicas de Pierre Laszlo. Assim aconteceu em 1989 e 1990.

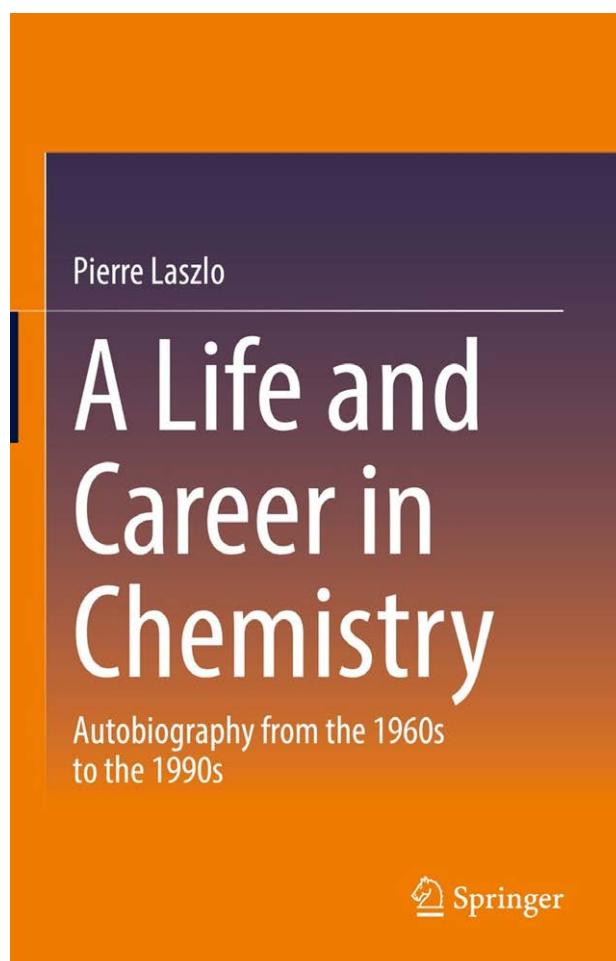
Pierre Laszlo tem um currículo em investigação em Química Orgânica imensurável, outro tanto como professor e divulgador da ciência, uma vivência de cinco continentes, escolas pelos Estados Unidos da América, pela Bélgica e por França, uma cultura em Artes, Letras e Ciências que se avalia de muito bom com distinção. É um homem de grande qualidade intelectual que, para mais, dirige a palavra escrita como um maestro, um “savoir-faire” da química de todas as coisas.

Este Professor Emérito da Universidade de Liège (Bélgica) e da Escola Politécnica (Palaiseau, França), professor na Universidade de Princeton e na Universidade de Orsay, professor visitante nas universidades de Connecticut, Kansas, Califórnia (Berkeley), Chicago, Colorado, Johns Hopkins, Lausanne, Hamburg, Toulouse e Cornell, é particularmente conhecido pelo seu extenso trabalho em metodologias de ressonância magnética nuclear e catálise de reações orgânicas por argilas modificadas. Como escritor, foram as suas monografias científicas e os seus livros de “falar da ciência para os leigos” que lhe mereceram, em 1999, a outorga do prémio Maurice Pérouse da *Fondation de France* e, em 2004, do prémio Paul Doistau-Émile Blutet da Academia Francesa de Ciências. Entre os últimos livros publicados de Pierre Laszlo, o leitor pode encontrar “Communicating Science. A Practical Guide”, que foi editado pela Springer em 2006, e, mais recentemente, “A Life and Career in Chemistry. Autobiography from the 1960s to the 1990s”, em 2021, igualmente editado pela Springer (e-book).

O leitor pode ainda encontrar publicados em Portugal quatro dos seus livros: “A Palavra das Coisas ou A Linguagem da Química” (Gradiva, 1995), “A Nova Química” (Instituto Piaget, 1996), “O que é

a Alquimia?” (Terramar, 1997) e “Pequeno Tratado do Sal” (Terramar, 2006).

Laszlo esteve várias vezes em Portugal, ora convidado para nos oferecer conferências do seu saber, pela Gulbenkian, pela Embaixada de França, pela Sociedade Portuguesa de Química nos seus congressos; esteve pelo menos mais duas vezes entre nós para que a paisagem envolvente, em Ponte de Lima e no Gerês, lhe permitisse o ambiente propício à fluência da escrita criativa.



■ *A Life and Career in Chemistry. Autobiography from the 1960s to the 1990s.* SpringerLink
link.springer.com/book/10.1007/978-3-030-82393-1
ISBN: 978-3-030-82393-1



Pierre Laszlo

“A Life and Career in Chemistry. Autobiography from the 1960s to the 1990s” é um livro muito especial. Porquê? Porque a nossa vida é feita da vida dos outros e Pierre Laszlo, além de se semear na autobiografia, semeia uma boa centena de personagens do mundo que marcaram a ciência do século XX, a química, mas também, a física, a biologia, a medicina; e áreas que com elas confraternizam, como a filosofia e a história. São muitas as celebridades e as que o não são, nem sempre a notoriedade atinge os melhores, a quem este livro dá a verdadeira dimensão.

Assim se lê na Introdução: *“Por que precisamos de história da ciência? O que tem isso de bom? O avanço do conhecimento, longe de ser linear (historiografia Whig), é repleto de voltas e reviravoltas. Novas partidas são a norma. Elas originam-se a partir de ideias, portanto, a partir de pessoas: sim, sou um idealista; Platão estava certo. Registrar essas mudanças abruptas é a tarefa do historiador da ciência. A recompensa é o trabalho de arquivo, muito tedioso como regra, mas aliviado por ocasionais rajadas de vida, que de repente surgem em si vindas dos documentos amarelados.”*

É um relato de quem muito amou, e ama, a sua escolha de carreira profissional – *the meaning of understanding*. É um documento histórico impressionante, vivo e fiel, com a química e os químicos sempre em primeiro plano e múltiplas ramificações. É fruto de uma memória de eleição. Laszlo traça o retrato da comunidade científica mundial da época que aborda, recordando os encontros e colaborações que teve com cientistas que moldaram a natureza da química em tempos de evolução e revolução.

Escrito, por vezes, sob a forma de um questionamento – sem medos, sem preconceitos, sem fugas, com sinceridade –, a sucessão pergunta-resposta, ambas nas mãos do autor, impõe um fluxo de leitura empolgante. Comentários, sugestões, e mesmo ensinamentos, também estão presentes.

O entusiasmo lê-se em todas as linhas, quer seja para agradecer os excepcionais professores que aperfeiçoaram a personalidade carismática de Pierre Laszlo, e lhe induziram o sonho de fazer sempre mais

e melhor, seja na avaliação muito positiva da política de investigação científica nos EUA ou na pesada crítica à política institucional francesa e belga, europeia em geral, no que concerne ao desenvolvimento científico. Seja, ainda, para expor a sua opção pela química e o seu trabalho pioneiro com argilas catalisadoras e o maléfico domínio atual da ciência pela tecnologia.

Da química dura e seus principais atores, nos primeiros capítulos, o autor salta para a filosofia da ciência, o quantitativo dando lugar ao qualitativo, o “externo” ao “interno” usando palavras suas, sempre de grande qualidade; espaço para os livros que marcaram a sua vida: de Gaston Bachelard, Karl Popper, Émile Meyerson, Thomas Kuhn, Bertrand Russell, do extraordinário e esquecido Michael Polanyi. Em ambos os domínios, científico e filosófico, o leitor é confrontado com grandes referências pessoais que são, de facto, grandes referências mundiais. Todas as personagens são tratadas com enorme respeito e benevolência.

Não faltam as viagens – os cientistas de todos os tempos sempre foram viajantes –, muitas, longas e exuberantes algumas, a iluminarem o olhar e o contacto com mentes irmanadas.

Quais as qualidades de “ser professor”, um bom professor, de “ser investigador”, um bom investigador? Que dizer da relação de dependência (e independência) entre mestres e discípulos?

Como se forma um cientista de sucesso?

“Os ingredientes são inúmeros: uma curiosidade vívida; a capacidade de fazer conexões entre itens aparentemente não relacionados; uma mente analítica; ser bom em números; capacidades de observação; e assim por diante. A estes, proponho que se acrescente ser bom em línguas. Ser pelo menos bilingue, se não poliglota, é um trunfo, eu proponho. Por quê? Colocado em termos mais simplistas, porque amplia a mente.”, responde Laszlo.

Pierre Laszlo nasceu em Argel, ao tempo uma colónia francesa, filho de pais húngaros, em 1938. Francês foi a sua língua materna, embora desde bem cedo férias pelo Reino Unido lhe tenham oferecido a língua inglesa. Longas estadias nos Estados Unidos tornaram-no verdadeiramente bilingue. Uma passagem pelo Brasil e pelos liceus de São Paulo e do Rio de Janeiro instruíram-no no português. Curioso, observador, analítico, interativo, multidisciplinar... e assim por diante.



>

Raquel Gonçalves-Maia

Professora Catedrática aposentada da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

rmcgonc@gmail.com